

e por lei, para exercer essa função precisa de um curso específico e ter registro no ministério do turismo.”

Luiza, impressionada com o conhecimento dos condutores, comentou: “Vocês realmente sabem sobre muitas coisas. Eu aprendi sobre a história de vocês, das plantas, dos animais, da produção, da gastronomia... Que riqueza de conteúdo. Esse turismo bem completo é educativo”.

Sr. Antônio aproveitou para mostrar ainda mais conhecimento: “Existem muitos tipos de turismo, cada um com suas características. Por exemplo, o turismo de massa é aquele em que grandes grupos de pessoas visitam destinos populares, como praias e lugares famosos. Tem o feito para grupos menores com o objetivo de aprendizado que chamamos de turismo pedagógico, mas voltado para estudantes de todos os níveis.”

Luiza interrompeu: “Ah, como quando visitamos aquelas praias lotadas no verão. É divertido, mas pode ser bem caótico.”

“Exatamente,” concordou Sr. Antônio. “Outro tipo é o ecoturismo, que foca na natureza e na sustentabilidade. As pessoas buscam experiências em ambientes naturais, respeitando e preservando o meio ambiente.”

Maiara acrescentou: “Isso me lembra das trilhas que fazemos na nossa aldeia, onde sempre ensinamos os visitantes a importância de respeitar a floresta.”

Jamila então tomou a palavra: “Aqui, escolhemos o turismo de base comunitária como modelo de gestão. Aqui cabe diversos tipos de turismo: cultural, pedagógico, afroturismo, de lazer e tantos outros. Mas ser de base comunitária significa que a comunidade está no centro de tudo. Nós planejamos e gerimos as atividades turísticas, garantindo que os benefícios sejam distribuídos de forma justa entre todos. Buscamos que seja assim também com a venda da nossa produção, pois não vivemos só de turismo. Praticamos o comércio justo”.

Carlos perguntou: “E como isso se relaciona com o comércio justo?”

Jamila explicou: “O comércio justo e responsável garante que os produtos e serviços oferecidos respeitem os direitos dos trabalhadores e o meio ambiente. Aqui, por exemplo, os artesanatos que vendemos são feitos por artesãos locais, e o di-

nheiro vai diretamente para eles. Nossa produção agrícola pode ser oferecida como experiência para o turista, mas também chega a ele na comida servida no almoço, nos lanches, sucos e ainda estão disponíveis para venda na quitanda. Muitos consomem e levam para suas casas, seja a fruta, raiz ou legume ou em forma de doces, compotas, biscoitos. As manifestações culturais quando se apresentam, despertam o interesse dos visitantes, que levam as réplicas dos instrumentos, as camisetas feitas com as imagens e muito mais. Isso sem falar dos que querem participar dos ensaios, oficinas e cursos. É o que chamamos de produção associada ao turismo.



Saiba mais:



*Sistema Nacional
do Comércio Justo
e Solidário*



*Turismo
Responsável*

Mel perguntou: “E como vocês garantem que o turismo não prejudica a comunidade?”

Sr. Antônio respondeu: “Mantemos o controle sobre o número de visitantes e as atividades que eles podem fazer. Estipulamos a chamada capacidade de carga para cada experiência que oferecemos. Não dá para colocar 20 pessoas para almoçar de uma só vez se só tivermos 12 pratos, né? As trilhas, as experiências com o barro, tudo tem quantidade de pessoas, tempo que dura, quem vai orientar, quanto custa, quando pode acontecer. Isso ajuda a proteger nossa cultura e o meio ambiente. Além disso, os visitantes são educados sobre a importância de respeitar nossos costumes.”

Jamila deu um exemplo prático: “É como quando você vai visitar a casa de alguém. Você respeita as regras da casa, certo? Aqui é a mesma coisa. Queremos que os visitantes se sintam bem-vindos, mas também que respeitem nosso espaço.” Continuou, “Recebemos orientação, da mesma universidade que nos ajudou com o for-

no, para fazer as fichas técnicas das atividades que são oferecidas. Assim sabemos quanto custa e quanto podemos cobrar. Vocês são nossos convidados e não pagaram, mas essas vivências têm preço e são negociadas com quem traz os visitantes ou com eles quando chegam por conta própria. Tudo com muita transparência dos envolvidos e rateio correto. Cada um sabe o que tem que fazer e quanto vai ganhar.”

Mel questionou em relação aos tipos de grupos se tinha valores diferenciados.

“Sim! Para projetos sociais que querem aprender e fazer trocas como vocês, não cobramos ou pedimos contribuições voluntárias. Para escolas, temos um valor menor pois queremos muito que os alunos conheçam a realidade e a nossa versão da história. Grupos de turistas, que estão vindo com agências de viagem, tem um valor e uma forma de pagamento diferenciada. Famílias que querem passar o dia aqui e já vieram outras vezes, pagão o que consomem e eles já combinam o que querem comer para o preparo antecipado. Assim evitamos desperdício e mal-entendidos.” Respondeu Sr Antônio.

Luiza refletiu: “Faz sentido. Assim, vocês conseguem preservar a cultura e ainda gerar renda para a comunidade, tendo garantia de bons serviços.”

Jamila concluiu: “Exatamente. O turismo de base comunitária não é apenas sobre receber visitantes, mas sobre criar uma troca cultural que beneficia tanto a comunidade quanto os turistas.”

Ao final da explicação, o grupo estava mais consciente sobre as diferentes abordagens do turismo e inspirado pela forma como a comunidade quilombola havia integrado o turismo de maneira sustentável e justa. Eles perceberam que o turismo de base comunitária não só promove o desenvolvimento econômico, mas também fortalece a identidade e a coesão da comunidade.



Você já viajou? Se sim, registre como foi. Se não, planeje uma viagem. Coloque todos os elementos: qual o motivo, destino, transporte, hospedagem, alimentação, a experiência. Compartilhe com sua turma e deixe que os outros viajem na sua viagem.

Foram caminhando para o local de embarque de volta para suas comunidades.

Luiza foi a primeira a falar: “Jamila, em nome de todos nós, quero agradecer pela hospitalidade e por compartilhar tanto conhecimento. Essa experiência abriu nossos olhos para o potencial do turismo comunitário.”

Jamila sorriu, visivelmente emocionada. “Foi um prazer ter vocês aqui. Espero que levem um pouco da nossa história com vocês e que isso inspire mudanças positivas em suas comunidades.”

Mel, com um brilho nos olhos, acrescentou: “Aprendi que o turismo pode ser uma ferramenta poderosa para fortalecer a identidade e gerar renda, sem perder de vista o respeito e a sustentabilidade.”

Maiara, segurando um pequeno artesanato que comprara, refletiu: “A forma como vocês integram o comércio justo com o turismo é admirável. Vou levar essa ideia para minha aldeia, para que possamos compartilhar nossa cultura de maneira respeitosa e benéfica.”

Carlos, sempre prático, comentou: “A organização e o planejamento que vi aqui são exemplos claros de como podemos implementar o turismo de forma eficaz. Estou ansioso para aplicar algumas dessas ideias na cooperativa.”

Jamila fez questão de reforçar o incentivo: “Lembrem-se de que o turismo de base comunitária é sobre construir pontes, não apenas econômicas, mas culturais e sociais. Vocês têm o poder de transformar suas comunidades respeitando suas raízes.”

Com um aceno de cabeça, Luiza concluiu: “Vamos voltar para casa com um novo propósito. Obrigada, Jamila, por nos mostrar que é possível promover o desenvolvimento com dignidade e respeito.”

Enquanto se despediam, Dona Rosa apareceu com um bolo de fubá, um símbolo de carinho e amizade. “Para vocês levarem um pedacinho do nosso lar,” disse ela com um sorriso.

O grupo partiu com o coração cheio de gratidão e a mente fervilhando de ideias. A viagem não só os ensinou sobre o turismo de base comunitária, mas também os inspirou a se tornarem agentes de mudança em suas próprias comunidades, promovendo um turismo que respeita e celebra a identidade de cada lugar.

Resumo

Demanda

- Perfil do Turista
- Tipos de Turista
- As diferenças culturais e as trocas
- A Educação do Turista: o que ele precisa aprender e o que pode ensinar
- Respeito às diferenças de sexo, identidade de gênero, etnia, idade, etc.
- Acessibilidade

Oferta

- Hospitalidade
- Infraestrutura turística
- Transporte: segurança, acesso, sinalização, veículo
- Hospedagem: cama e café, enxoval, higiene, segurança
- Alimentação: insumos, utensílios, identidade e preço, segurança alimentar
- Guiamento e condução
- Primeiros Socorros

Características desejáveis do Turismo na comunidade

- De Base Comunitária
- Histórico-cultural
- Criativo
- Étnico
- Sustentável
- Solidário
- Responsável

Comércio justo e consumo responsável nas atividades turísticas



Exemplos que inspiram:

O Significado e a importância da hospitalidade para os indígenas do Alto Xingu



Turismo de Favela: Conhecendo o Morro Santa Marta | Turismo de Base Comunitária | Brasilidade



Turismo de Base Comunitária em Capivari



Turismo de base comunitária na periferia de SP valoriza diversidade cultural



Turismo de Base Comunitária - Paraty





Aldeia Indígena Babaçú - Projeto Pontes para o Turismo de Base Comunitária no MS



Turismo de Base Comunitária: Melhorando Vidas e Preservando o Meio Ambiente



Turismo rural de base comunitária - Experiências do Idam/AM e da Emater/RN



Fica Aqui no Morro da Rocinha - Turismo comunitário na Rocinha



A Realidade da Favela da Rocinha no Rio de Janeiro



Turismo comunitário em São Vitor



Glossário

Acessibilidade é a garantia de que todas as pessoas possam ter acesso e utilizar espaços, produtos, serviços e informações, preservando sua autonomia. Ou seja, acessar lugares e informações, de forma independente, isso significa eliminar barreiras que impeçam a participação plena de indivíduos, especialmente aqueles com deficiência ou mobilidade reduzida. Tipos de acessibilidade:

- **Física:** a adaptação de espaços e equipamentos para garantir o acesso de todos. Por exemplo: rampas, elevadores, banheiros adaptados, sinalização em braile;
- **Comunicacional:** informação seja acessível a todos, independentemente de suas habilidades. Exemplos: Libras (Língua Brasileira de Sinais), audiodescrição e legendas;
- **Acessibilidade Tecnológica:** Uso de tecnologias para auxiliar pessoas com deficiência em suas atividades. Exemplos: softwares de leitura de tela, cadeiras de rodas motorizadas, próteses

Atrativos turísticos são locais, eventos ou experiências que atraem visitantes a um determinado destino. Eles podem ser naturais (praias, montanhas, cachoeiras), culturais (museus, monumentos históricos), ou de entretenimento (parques temáticos, shows). Já as atividades turísticas são as ações que os visitantes realizam durante sua viagem, nos atrativos.

Capacidade de carga turística é um cálculo que visa identificar a quantidade de visitantes que uma localidade pode comportar sem prejudicar o seu patrimônio. Para isso, é necessário considerar uma série de fatores, como os ecológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais.

Centros de Informações Turísticas são os locais onde os turistas podem obter mapas, informações sobre atrações e dicas de viagem.

Comércio justo é um movimento social e econômico para garantir que os produtores e trabalhadores recebam um pagamento justo por seu trabalho e que suas condições de trabalho sejam dignas e seguras. As desigualdades surgem no comércio global, onde os pequenos produtores muitas vezes enfrentam exploração e recebem uma parte muito pequena do valor final dos produtos que produzem.

Condutor ou monitor de turismo: pode ser exercido por qualquer pessoa, desde que tenha conhecimento e habilidades para apresentar aos visitantes informações sobre uma determinada localidade.

Consumo responsável é a prática de fazer escolhas conscientes ao adquirir produtos e serviços, levando em consideração o impacto ambiental, social e econômico dessas escolhas. Em outras palavras, é pensar não apenas em nossas necessidades individuais, mas como nossas escolhas afetam o planeta e as pessoas.

Diversidade refere-se à variedade de características e experiências que fazem parte de um grupo de pessoas. Isso inclui:

- Raça e etnia
- Gênero e identidade de gênero
- Orientação sexual
- Idade
- Religião
- Deficiências
- Nível socioeconômico
- Educação
- Experiências de vida

A diversidade reconhece e valoriza as diferenças entre as pessoas, entendendo que essas diferenças contribuem para a riqueza e a complexidade da sociedade.

Guia de turismo é o profissional responsável por acompanhar um grupo de turistas, fornecendo informações históricas, culturais e curiosidades sobre o local visitado. Ele acompanha a visita e é responsável por atender as necessidades do grupo que esteja guiando. O guia de turismo é uma profissão reconhecida por lei e só pode ser praticada pelas pessoas que realizaram o curso e estejam registradas.

Guia Turístico é um folheto (impresso ou digital) especializado sobre o destino, facilitando a compreensão e a apreciação das atrações locais.

Hospitalidade é muito importante em várias áreas, principalmente no setor de turismo, hotelaria e serviços. Refere-se ao ato de receber e tratar bem os visitantes, clientes ou convidados, oferecendo-lhes conforto, segurança e uma experiência agradável. A hospitalidade vai além do simples atendimento. Envolve criar um ambiente onde as pessoas se sintam bem-vindas e valorizadas. Envolve o ato de receber alguém de forma calorosa e amigável, demonstrando interesse genuíno pelo bem-estar do outro. Também significa estar atento às pequenas coisas que podem melhorar a experiência da visita, antecipando necessidades. Para isso, é preciso se colocar no lugar do outro. Em algumas culturas, a hospitalidade é uma prática tradicional e ocorre de forma natural e espontânea.

Inclusão é o processo de criar um ambiente em que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças, sintam-se valorizadas, respeitadas e capazes de contribuir plenamente. Enquanto a diversidade é sobre as diferenças, a inclusão é sobre como essas diferenças são acolhidas e integradas. É preciso criar oportunidades iguais, mas respeitando as diferenças de cada um. Para isso, é importante promover um ambiente acolhedor, onde todos se sintam seguros e respeitados. Para combater o preconceito, deve-se trabalhar ativamente para identificar e eliminar práticas discriminatórias.

Infraestrutura turística refere-se ao conjunto de instalações e serviços para apoiar e facilitar as atividades turísticas em um determinado destino.

LIBRAS é a sigla da Língua Brasileira de Sinais, uma língua de modalidade gestual-visual onde é possível se comunicar através de gestos, expressões faciais e corporais. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão desde 24 de Abril de 2002, através da Lei nº 10.436. A Libras é muito utilizada na comunicação com pessoas surdas, sendo, portanto, uma importante ferramenta de inclusão social.

Produção Associada ao Turismo (PAT) qualquer produção artesanal, industrial ou agropecuária que detenha atributos naturais e/ou culturais, que seja capaz de compor a atratividade de um destino e diversificar a oferta turística. Os exemplos mais comuns são o artesanato e a produção agropecuária, mas manifestações culturais e a própria gastronomia também podem ser avaliados como produtos associados ao turismo.

Serviços de apoio turístico são todos aqueles serviços que complementam a experiência do viajante, garantindo que sua jornada seja mais confortável, segura e memorável.

Turismo Sustentável e Responsável é uma forma de viajar que diminui o impacto negativo do turismo no meio ambiente e nas comunidades locais. Isso significa escolher destinos que valorizam a natureza e a cultura local, consumir produtos e serviços locais, e respeitar os costumes e tradições das comunidades.

Referências

Associação de Cultura Gerais. Manual para o Desenvolvimento e a Integração de Atividades Turísticas com Foco na Produção Associada. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

ANSARAH, M. G. dos R. (org.). Turismo: Como aprender, como ensinar. 2. ed. São Paulo: Senac, 2001.

ARAUJO, C. M. Ética e Qualidade no Turismo do Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

ARAÚJO, I. R. de (org.). Hospitalidade: Contribuições, reflexões e tendências. 1. ed. Salvador: FIB, 2007.

BENI, M. C. (ed.). Análise Estrutural do Turismo. 7. ed. [S.l.]: Senac, 2002.

CORIOLOANO, L. N. M. T. O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à Pobreza. São Paulo: Anna Blume, 2006.

DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (org.). Hospitalidade: Cenários e Oportunidades. 1. ed. São Paulo: Thomson, 2003.

FRIDELL, G. Fair Trade Coffee: The Prospects and Pitfalls of Market-Driven Social Justice. University of Toronto Press, 2007.

HOWKINS, J. Economia Criativa: Como ganhar dinheiro com ideias criativas. 1. ed. São Paulo: M. Books, 2013.

IGANARRA, L. R. Fundamentos do Turismo. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2003.

IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J. Turismo: O desafio da sustentabilidade. 1. ed. São Paulo: Futura, 2002.